

BACHARÉIS DE VELHAS TURMAS

A "REPÚBLICA" DE CAMPINEIROS DE 1880 E 1884 -

SÃO PAULO E RECIFE

Tenho o propósito de colher novos dados para juntar aos que já possuo e, com eles, evocar futuramente, em biografias resumidas as figuras de velhos bacharéis da nossa Faculdade de Direito. Depende de um pouco de tempo disponível, do auxílio e informações de muita gente - e de saúde para o "memorialista", que é como agora se qualificam os sujeitos, como eu, que se dão a esses, às vezes estafantes, e quase sempre mofinos trabalhos.

Seria seguir com algumas modificações, o exemplo e os moldes de José Luís de Almeida Nogueira, o escritor valoroso a cujo talento e a cujos esforços de vemos não se terem sepultado em completo esquecimento o nome, fama, façanhas, agitações e muitos dados preciosos e exatos sôbre as grandes turmas que passaram pelos bancos do velho casarão, desde a de 1827-31 até a de 1874-78, com interrupções ou saltos hoje mui difíceis de preencher. Aquela "aprazível desalinho", aquela "carinhosa minudência", aquela "tão amável bondade" que no dizer de Rui Barbosa caracterizaram esse escritos, foram seus maiores encantos. Com eles Almeida Nogueira passará à estima das gerações futuras com o conceito de historiador máximo desses fastos. Suas outras qualidades intelectuais, que foram tantas, de mestre, parlamentar e jornalista, desaparecerão em confronto com os méritos dessa minudente coletânea. A ele se

guiu-se, mais tarde, Spencer Vampré, e é pena que não haja completado a revisão da sua "História da Academia de São Paulo", cujo segundo volume, ao que sei, ia ser refundido e completado, pois os dados já estavam reunidos carinhosamente. São livros de base os desses dois grandes professores; nessa rota podemos seguir nós outros, memorialistas de segunda ordem, carregando dados e apontamentos que survam para algum escritor futuro de maior envergadura, com disposição, carinho e tempo para reunir esses apontamentos - pois não passam de meros apontamentos.

O decênio de 1880 a 1890 é dos mais copiosos em fatos, agitações e um dos mais opulentos em grandes nomes, e para uma, ao menos, de suas turmas, vou colhendo dados interessantes. Se tiver ajuda dos que sabem e conservam memória do passado, isso será feito no correr do ano vindouro.

Per hoje falarei um pouco de alguns dos componentes da turma de 84 à qual pertenceu meu pai, bacharéis que figuram no quadro da turma e em retratos avulsos com longas e, no geral, derramadas dedicatórias, ao gosto da época. Esses rapazes de então eram transbordantes em suas manifestações e cultivavam, com delicadezas de trato, hoje esquecidas, as relações de amizade ou mera camaradagem com os colegas de ano ou contemporâneos.

Em visita que fiz a um dos sobreviventes dessa turma, o ilustre dr. Antonio de Pádua Sales, colhi dados e notas interessantes que vou dando à público nesse início de contribuição. Entrou o conspícuo paulista na casa dos noventa anos, no dia 9 deste mês e mantém um verdor espiritual, uma clareza de

memória e uma segurança de conceitos, que tornam o seu convívio dos mais atraentes.

□ □ □ □ □ □ □

Os campineiros de 1880, quando estudantes, e eram numerosíssimos, aqui se espalhavam por várias repúblicas. Destas, uma das de mais numerosos contingentes, era a em que residiam Pádua Sales, José Pereira de Queiroz, Antonio Pereira de Queiroz, Júlio de Mesquita e Salustiano Penteado - e, ao que me parece, em certo tempo, Olavo Egídio de Souza Aranha. Essa república foi instalada, em 1882 numa casa do antigo largo Sete de Setembro, que agora desapareceu, confundido com a praça João Mendes, após a demolição de toda a quadra em que se encontravam a Igreja dos Remédios, o sobrado da Biblioteca Pública Estadual e um grande número de prédios baixos, de taipa, ocupados por estabelecimentos comerciais de segunda ordem e algumas moradias privadas. A república deve ter tido sede em prédio contíguo àquele sobradinho em que, na época anterior, de 1870, Castro Alves rondava a casa de Eugênia Câmara e às suas janelas levava os serenateiros que davam forma musical às exaltações amorosas e rimadas do poeta.

Na "república" se encontravam, algumas vezes, outros estudantes, pertencentes a famílias campineiras, ou a estas ligadas pelas relações de amizade ou residência na mesma terra: Joaquim Alvaro de Souza Camargo, Antonio Alves da Costa Carvalho, Antonio e José Lobo, José de Campos Novais, Antonio Celestino Soares, Artur Prado de Queiroz Teles e Eduardo da Cunha

Canto, residentes em outras repúblicas, assim como Pedro Manuel de Toledo, residente em casa de sua família. Este Pedro Manuel de Toledo é o mesmo futuro embaixador Pedro de Toledo, governador de São Paulo, por aclamação, na refrega sonhadora de 1932.

Em 1883, levados por "espírito de aventura" e com desejo de conhecer o ambiente da Faculdade de Direito de Recife e a sua cidade, da qual os nortistas que aqui faziam curso contavam maravilhas, decidiram os três colegas Pádua Sales, José Pereira de Queiroz e Pedro de Toledo transferir-se para a Faculdade pernambucana e lá concluir o curso. Eram rapazes de fortuna, filhos de fazendeiros, e podiam permitir-se essas deslocções. E foram.

A impressão que lhes deixou, logo de início, a vida acadêmica e a social do Recife foi das mais lisngeiras: Recife era muito maior do que S. Paulo, muito mais bonita, como cidade, muito mais alegre. O ambiente da Academia de Lé era igualmente agitado e vivo: constituíam as duas faculdades sementeiras de idéias novas e novos ideais políticos, em plene efervescência. Mas a sua situação de cidade marítima dava à capital pernambucana encantos que aqui não se encontravam. E os mestres do curso eram muito mais acessíveis do que aqueles ríspidos e inabordáveis mestres que aqui se conservavam à distancia, isolados de aproximações que lhes pareciam destoantes da gravidade dos seus cargos.

Enquanto em S. Paulo, o cônego Pires da Mota, esquálido e sêco, na sua batina, homem anguloso, de olhar de franco juiz, mal permitia que os estudantes, de natural buliçoso e inquieto, se expandissem em

galhofas quando ele estava na diretoria; enquanto Justino, severo como um monge de deserto, ou o velho Clemente Falcão, Crispiniano e o próprio Barão de Ramalho se idolaram daqueles convívios vivazes e animados de despreocupação e bom humor, no Recife os grandes mestres procuravam os alunos, admitiam-nos em sua companhia nas ruas, gozavam das suas tiradas galhofeiras e, assim, penetravam na sua intimidade e na sua estima.

Tinha a Faculdade do Recife, a esse tempo nomes egrégios na sua Congregação e em plena eficiência de ensino: José Higinio e João Vieira, criminalistas consagrados, o primeiro na cadeira de direito administrativo; Coelho Rodrigues, José Joaquim Seabra, lente novo, e o grande Tobias Barreto, o maior e o mais desabusado de todos eles, o lente que fazia de seus alunos verdadeiros fanáticos do seu nome, do seu ensino e da sua escola.

Tobias, com todo aquele imenso prestígio, e com um permanente aspecto externo de negligência e desalinho, convidava os alunos a lhe fazerem companhia quando os encontrava livres, em passeios pelas ruas da capital pernambucana e com eles se encaminhava a uma confeitaria, oferecendo-lhes cerveja de excelente marca estrangeira da qual era apreciador.

- Imagine se seria crível em São Paulo, com homens do feitio de Justino de Andrade, Crispiniano ou Ramalho - um lente assentar-se com um estudante ou, mesmo, sósinho, a uma mesa de confeitaria ou de café, para tomar uma cerveja! Sentir-se-ia diminuído e amesquinhado..."

Recife tinha ainda outro encanto maior - e talvez tenha sido esse o motivo preponderante da ida rapaziada para cursar o 4º ano de direito: era a sociabilidade da sua gente.

A sociedade pernambucana, pelos seus elementos de escol, que eram de alto padrão e cujo fausto vinha da época do domínio da cana de açúcar e da majestade dos senhores de engenho, abria os braços numa recepção cordial aos estudantes de direito de outras províncias, em especial aos de São Paulo. O prestígio do café ia crescendo, de ano para ano e o da cana diminuindo. Mas o encanto da sociedade pernambucana, alicerçado em tantos anos de predomínio e de opulência, era para os rapazes de maior franqueza e amenidade. A sociedade paulistana, por aqueles tempos, mantinha-se trancada a penetrações de qualquer espécie; era o nosso antigo "caipirismo", que se apontava à conta de bairrismo e de orgulho, por defeito de visão.

As reuniões faustosas, nas casas da velha nobreza rural paulista - tanto aqui, como nos maiores centros de riqueza agrícola - Campinas, São João do Rio Claro, Itu, Mogi Mirim - estabeleciam uma verdadeira barreira de dificuldades para a admissão de convidados de "outras terras". Submetia-se a outorga de um convite a uma indagação preliminar sobre as origens do neófito, sua família, sua situação social, seus hábitos. (Isso tudo, muito embora pertencessem a famílias opulentas os mais desabusados e terríveis boêmios que por aqui perambulavam e deixaram nome, fama e traços fundos de seus excessos.)

Aquela temporada de estudos em Pernambuco constituía, por tudo isso, para os rapazes paulistas da "república campineira" um ótimo ensejo para se expandirem, para conhecerem o mundo brasileiro, para tomarem contáto com uma sociedade de alto padrão civilizado que, liberta de prevenções, injunções e incompatibilidades familiares, os habilitava a ajuizarem da verdade do

que ouviam dizer sobre os encantos da terra nortista e seduções e atrativos de sua gente, em particular das moças e senhoras pernambucanas.

"Foi um ano inesquecível para nós três" - narrou-me o dr. Pádua Sales - "principalmente porque o Seabra, lente novo, brilhante e muito chegado aos alunos, me conferiu distinção nos exames da sua cadeira, o que significava aprovação distinta também no 5º e último ano."

É provável que os três estudantes paulistas por lá ficassem e lá se bacharelassem, como haviam feito ou vieram a fazer os paulistas Urbano Pompeu do Amaral e José Pereira da Silva Barros, os gaúchos Germano Hasslocher, Godofredo Cunha e Homero Batista, e o alagoano Plínio de Mendonça Uchôa que, fazendo em São Paulo os primeiros anos, foram fazer os últimos no Recife, pela necessidade de mudarem de clima, por conveniências próprias, pela atração da terra e das suas moradoras ou - o que algumas vezes ocorreu - por indisposição com alguns lentes que os maltrataram no curso e se dispunham a reprová-los nos atos finais.

Mas, concluiu o meu ilustre narrador, - "nossas famílias começaram a inquietar-se com aquela mudança e nos chamaram: se ficassem um ano mais no Recife, era certo que por lá ficassemos o resto da vida, casando com moças da terra... E tinham alguma razão."

Recambiados para São Paulo, aqui vieram os três estudantes concluir, como concluíram, o seu curso, em 1884, vai para sessenta e cinco anos. E aqui rumaram para vários atalhos, indo, todos os três, Pádua Sales, Pereira de Queiroz e Pedro de Toledo encontrar-se, mais tarde, nas agitações políticas da primeira re

pública, quase sempre em hostes adversárias. A "república campineira" desfez-se, com a saída de uns e a formatura de outros. Outra "república" com elementos novos se constituiu, com estudantes de Campinas e de outras cidades: José de Campos Novais, Candido Serra Neto e Antonio Candido de Camargo (que veio depois a mudar de rumo, indo doutorar-se em medicina por uma Faculdade da Suíça), José Ferraz de Assis Negreiros, de família rioclarense e Francisco de Campos Andrade Júnior, primo dos três primeiros.

Da turma de 1884, ao que sei, restam em São Paulo quatro representantes, que caminham, galhardamente, para os 90 anos: Antonio de Pádua Sales e Eugênio de Andrade Egas, residentes nesta capital; Joaquim Alvaro de Souza Camargo, em Campinas e Augusto Freire da Silva Júnior, em Araraquara. Deus os conserve, como estão, lúcidos de intelecto e firmes nas passadas. Representam a "velha guarda" acadêmica, com seu feitio próprio e suas virtudes pessoais de sobrançeria, dignidade e compostura, que eram qualidades básicas da nossa antiga gente, agora um tanto aguadas ou esquecidas na gente nova e sobretudo na novíssima, cada vez mais lamentavelmente distanciadas desses projectos modelos.

*Concio Paulitano - S. Paulo 27-XI-1949*